



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

THALITA SILVANIA NASCIMENTO DOS SANTOS

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA(O) PEDAGOGA(O):
as contribuições do estágio não-obrigatório**

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
JUNHO - 2021

THALITA SILVANIA NASCIMENTO DOS SANTOS

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA(O) PEDAGOGA(O):
as contribuições do estágio não-obrigatório**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
ao Curso de licenciatura em Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luísa Nogueira de Amorim

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

JUNHO - 2021

**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

S237p Santos, Thalita Silvania Nascimento dos.

Processo de alfabetização e formação da(o) pedagoga(o):
as contribuições do estágio não-obrigatório / Thalita
Silvania Nascimento Dos Santos. - João Pessoa, 2021.
49 f. : il.

Orientação: Ana Luisa Nogueira Amorim.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)
- UFPB/CE.

1. Alfabetização. 2. Estágio. 3. Formação docente. I.
Amorim, Ana Luisa Nogueira. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 37(043.2)

THALITA SILVANIA NASCIMENTO DOS SANTOS

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DA(O) PEDAGOGA(O): as contribuições do estágio não-obrigatório

Aprovado em 05/07/2021.



Documento assinado digitalmente
Ana Luisa Nogueira de Amorim
Data: 20/07/2021 14:39:30-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim - UFPB
(Orientadora)

Profª Drª Emília Cristina Ferreira de Barros - UFPB
(Examinadora)

Profª Drª Idelsuite de Sousa Lima - UFPB
(Examinadora)

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
JUNHO - 2021

Dedicatória

Dedico o meu TCC a todos aqueles que contribuíram para a construção do meu sonho, me proporcionando força e coragem para não desistir nos momentos críticos. A caminhada foi longa e difícil, pois muitos obstáculos foram impostos durante todo o curso, mas graças a Deus persisti.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a minha família, em especial a minha filha Sara, minha mãe Valdete, minha avó materna Maria e minha mãe de coração Cícera, que sempre me apoiaram na vida acadêmica com amor incondicional.

Um enorme obrigada a Prof^a Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim (UFPB), minha excelente orientadora por confiar em meu trabalho e por sua dedicação na coordenação do curso de Pedagogia da UFPB Campus I.

A Prof^a Dr^a Idelsuite de Sousa Lima (UFPB) pela aprendizagem e inspiração na disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental na graduação.

A Escola de Educação Básica da UFPB pelo período de estágio onde fui acolhida e inspirada na elaboração desta pesquisa.

As professoras Camila de Lourdes Cavalcante Paiva, Teresa Cristina Dantas da Silveira e Patrícia Batista Bezerra Ramos (in memoriam) e aos alunos do 1º ano de 2019, pelo acolhimento e aprendizado durante o período de estágio - na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba.

RESUMO

O presente trabalho tece reflexões acerca dos desafios e contribuições do processo de alfabetização a partir do estágio não-obrigatório na formação do(a) pedagogo(a) nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Teve como objetivo geral analisar a proposta curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I para a formação de professores(as) em relação as vivências na área de alfabetização através do estágio. Partiu-se do pressuposto de que a ação alfabetizadora se faz essencial para a formação do(a) futuro(a) pedagogo(a), visto que o processo de aquisição da leitura e escrita é um desafio, cabendo ao docente promover atividades que estimulem o desenvolvimento das crianças, com base no conhecimento adquirido no decorrer do curso de formação em Pedagogia. A pesquisa buscou responder a seguinte questão: O currículo de formação de professores no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, proporciona vivências na área da alfabetização? Como base teórica foram utilizados os estudos de autores como Soares (1998), Ferreiro (1987), Ferreiro e Teberosky (1985), Pimenta e Lima (2006), entre outros. Discutiu-se acerca de como se dá o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, discutindo o processo de aquisição da escrita na alfabetização e o que o curso de Pedagogia oferece para a formação de professores(as) na área da alfabetização em relação a prática educativa. A vivência prática com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica da UFPB, proporcionou uma grande contribuição para a futura atuação como pedagoga, principalmente quanto a participação ativa na sala de aula, no auxílio ao planejamento e execução das aulas e, em especial, na quebra do paradigma da mecanização do ensino da leitura e escrita. Os resultados da pesquisa indicam que apesar do curso de Pedagogia cumprir seu projeto curricular compreendemos que é necessário aperfeiçoar sua proposta para com a prática alfabetizadora a fim de propiciar uma formação qualificada e inovadora aos pedagogos(as) em formação.

Palavras-chave: Alfabetização. Estágio. Formação docente.

ABSTRACT

The present work reflects on the challenges and contributions of the literacy process from the non-mandatory internship in the formation of the pedagogue(a) in the initial grades of elementary school. Its general objective was to analyze the curricular proposal of the Pedagogy course of the Federal University of Paraiba Campus I for the formation of teachers(s) in relation to the experiences in the area of literacy through the internship. It is based on the assumption that literacy is essential for the formation of the future(a) pedagogue(a), since the teaching of reading and writing is a challenge and it is up to the teacher to promote activities that stimulate the development of children, based on the knowledge acquired during the course of training in Pedagogy. The research sought to answer the following question: Does the curriculum of teacher training in the Pedagogy course of UFPB, Campus I, provide experiences in the area of literacy? The theoretical basis was the studies of authors such as Soares (1998), Ferreiro (1987), Ferreiro and Teberosky (1985), Pimenta and Lima (2006), among others. It was discussed how the literacy process takes place in the early years of elementary school, discussing the acquisition of writing in literacy and what the Pedagogy course offers for the training of teachers(as) in the area of literacy in relation to educational practice. The practical experience with the class of the 1st year of elementary school in the School of Basic Education of the UFPB, provided a great contribution to the future acting as a pedagogue, mainly as the active participation in the classroom, in helping the planning and execution of classes, in particular the breaking of the mechanization paradigm of reading and writing teaching. The results of the research indicate that although the course of Pedagogy fulfills its curricular project. We understand that it is necessary to improve its proposal for literacy practice in order to provide a qualified and innovative training to Pedagogues(as) in training.

Keywords: Literacy. Internship. Teacher formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A ALFABETIZAÇÃO E O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA	9
2. ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ...	13
3. CURSO DE PEDAGOGIA, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS).....	18
3.1 O CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.....	18
3.2 O ESTÁGIO COMO ELEMENTO PEDAGÓGICO ESSENCIAL NA FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)	21
3.3 A PROPOSTA CURRICULAR DO CURSO PARA A FORMAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO	23
5. TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	27
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	27
5.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	29
5.3 ANÁLISE DOS DADOS	30
5.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização é considerada algo complexo para professores(as) recém formados, pois o contato com a prática pedagógica para o(a) futuro(a) professor(a) geralmente acontece no estágio supervisionado obrigatório proporcionado pelo curso de graduação em Pedagogia.

Diferentemente do estágio supervisionado obrigatório, onde o tempo de permanência na escola é restrito, o estágio não-obrigatório vivenciado por mim na Escola de Educação Básica da UFPB, no primeiro ano do Ensino Fundamental no período de 6 meses, no ano de 2019, me permitiu ter um maior contato com a prática e foi de grande importância para minha trajetória no curso de Pedagogia; pois foi onde pude vivenciar, em parte, o processo de alfabetização dos(as) estudantes.

Com base na experiência do estágio não-obrigatório e na teoria estudada nas disciplinas ofertadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, fui instigada a refletir sobre a seguinte **questão de pesquisa**: O currículo de formação de professores no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, proporciona vivências na área da alfabetização?

Assim, neste trabalho, temos como **objetivo geral**: Analisar a proposta curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I para a formação de professores(as) em relação as vivências na área de alfabetização através do estágio. E como **objetivos específicos**: identificar no currículo do curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, os componentes curriculares que trabalham a prática alfabetizadora; analisar a participação da estagiária no processo de alfabetização através da experiência vivenciada e discutir a importância e a contribuição do estágio extracurricular para a formação de professores(as).

Na revisão de bibliografia realizada para embasar este trabalho, estudamos autores como: Libâneo (2010), Pimenta (2006), Pimenta e Lima (2006), Soares (2006), Ferreira e Teberosky (1985), entre outros; além dos autores, realizou-se a leitura de documentos como a Resolução CCP (Resolução da Coordenação do Curso de Pedagogia) Nº 003/2018, o Projeto Político

Pedagógico - PPC da Universidade Federal da Paraíba, a Lei Nº 11.788/2008, entre outros.

Como aluna do curso de Pedagogia da UFPB Campus I, participei do estágio não-obrigatório na Escola de Educação Básica da UFPB, no período 2019.2, no primeiro ano do Ensino Fundamental. A experiência no processo de alfabetização da turma possibilitou a prática educativa, a partir de um contato direto com a realidade da sala de aula. Nesse contexto, após a vivência da prática educativa no primeiro ano, a partir do estágio não-obrigatório, e considerando o contato direto com a sala de aula, com uma carga horária superior às experiências vividas nos demais estágios, entendo que o estágio não-obrigatório pode ser de grande importância para a formação de professores(as).

1.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A ALFABETIZAÇÃO E O ESTÁGIO NO CURSO DE PEDAGOGIA

Pensar e analisar a alfabetização como a fase mais importante do processo educativo nos faz refletir em seu funcionamento e interconexão com o estágio e a formação em Pedagogia.

É notória a complexidade do ato de alfabetizar, de maneira que justifica a necessidade de formação de profissionais capacitados para o exercício dessa função. Considerando a importância que a alfabetização tem na formação dos indivíduos, cabe ao curso de Pedagogia formar professores(as) alfabetizadores(as) com habilidades e competências essenciais ao desenvolvimento desse processo.

Segundo Libâneo (2010, p. 23), “o processo educativo que se desenvolve na escola pela instrução e ensino consiste na assimilação de conhecimentos e experiências acumulados pelas gerações anteriores no decurso do desenvolvimento histórico-social”. Nesse sentido, é necessário que se crie condições para que o educando busque a aprendizagem e tenha o interesse de aprender, ao contextualizar os conteúdos com sua realidade.

O curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, campus I, tem como meta formar pedagogos(as) com formação teórica e prática. Em seu

Projeto Político Pedagógico – PPC, propõe que “o perfil do graduado em Pedagogia deverá contemplar consistente formação teórica, diversidade de conhecimentos e de práticas, que se articulam ao longo do curso” (UFPB, PPC - Pedagogia, 2006, p. 14).

O curso de Pedagogia da UFPB possui uma carga horária de 3.210 horas, das quais apenas 120 horas abordam a alfabetização na prática pedagógica como disciplina obrigatória do currículo. As disciplinas em questão são: Organização e Prática do Ensino Fundamental – 60h; Estágio Supervisionado III – 60h.

O plano de curso da disciplina Organização e Prática do Ensino Fundamental prevê estudar o processo de leitura e aquisição da escrita como uma prática educativa que possa proporcionar experiências práticas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando vivenciar no campo de estágio uma reflexão entre teoria e prática.

Na disciplina de estágio supervisionado obrigatório como vivência da prática pedagógica para os(as) futuros(as) professores(as) do curso de Pedagogia da UFPB Campus I, a Resolução CCP Nº 003/2018 de 09 de outubro de 2018, dispõe:

Art. 6º - O Estágio Supervisionado, como um componente curricular obrigatório, norteado e articulado pelos princípios da relação teoria-prática, integraliza a tríade ensino, pesquisa e extensão, pela aproximação do estudante à realidade de sua futura atuação profissional, constituindo-se “em aprendizagem social, profissional e cultural”, devendo ser organizado em duas etapas, como reza o §3º (Art. 21, da Resolução 16/2015):

- a) 1ª Etapa - observação e interlocução com a realidade profissional;
- b) 2ª Etapa - iniciação e intervenção para o exercício profissional. (UFPB, RESOLUÇÃO CCP Nº 003/2018)

O estágio supervisionado obrigatório é a realidade que o curso de Pedagogia proporciona como ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. Sendo assim, “enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 06).

Conforme Pimenta e Lima (2006), o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em

contraposição à teoria. Não é raro ouvir dos(as) estudantes que concluem o curso de Pedagogia, se referirem à formação do(a) pedagogo(a) como sendo uma formação teórica que não está conectada com a realidade do fazer pedagógico na escola. Costumam afirmar que aprendem a ser professores(as) na prática. Que na prática a teoria não corresponde a aprendida no decorrer do curso de graduação, principalmente no que tange a área de alfabetização.

Sobre o Estágio, o artigo 2º da Lei Nº 11.788/2008 (Lei do estágio), define que:

O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

No que diz respeito ao estágio não-obrigatório, instituído na matriz curricular dos cursos de formação de professores da Universidade Federal da Paraíba estabelece que:

CLÁUSULA 1ª:

O estágio curricular supervisionado não-obrigatório realizado no âmbito desta instituição de ensino (UFPB) obedecerá às características descritas conforme preenchimento no documento em anexo (formulário e ficha cadastral para solicitação da bolsa-estágio), ficando comprometido entre as partes que: a) a jornada de atividades em ESTÁGIO compatibilizar-se-á com o horário escolar do(a) ESTAGIÁRIO(A) e com o horário do SETOR/UNIDADE RECEPTOR(A);
(UFPB, TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO, 2016)

E foi no estágio não-obrigatório, desenvolvido como atividade opcional, que pude vivenciar a experiência foco desse trabalho. E foi com base nessa experiência, e de acordo com o que foi exposto sobre a proposta curricular do curso e analisando os componentes curriculares que abordam a prática alfabetizadora para a formação de professores(as), que passei a me questionar se o currículo de formação de professores(as) no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, proporciona vivências na área de alfabetização?

O trabalho está organizado em cinco capítulos: No primeiro capítulo, contextualizamos a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental com

base nos documentos oficiais e seus avanços durante o processo histórico. No segundo capítulo, abordaremos como se dá o curso de pedagogia, o estágio supervisionado e formação de professores(as) de acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade federal da Paraíba e com base nos documentos oficiais. No capítulo seguinte, falamos como foi realizado o percurso metodológico para a pesquisa e mostramos desde a caracterização da instituição até as análises e resultados. Os participantes da pesquisa são alunos do 1º ano do Ensino Fundamental no espaço de convivência escolar, os profissionais envolvidos no processo de alfabetização e o relato de como aconteciam as interações entre eles. Por fim, concluímos a pesquisa respondendo como o currículo de formação de professores(as) no curso de Pedagogia da UFPB proporciona vivências na área de alfabetização e como o estágio não-obrigatório contribui para essa formação.

2. ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A educação é responsável pela inserção do indivíduo na sociedade, pois de acordo com Libâneo (2010, p. 97), “a Educação é um fenômeno social inerente à constituição do homem e da sociedade, integrante, portanto, da vida social, econômica, política e cultural”. Nesse sentido, a educação pode ser considerada uma prática social, a partir da aquisição do conhecimento necessário através da prática educativa para o indivíduo participar da vida em sociedade. Assim como a legislação brasileira propõe, na Constituição Federal de 1988,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Ao falar de Educação, pode-se dizer que práticas educativas podem ocorrer de várias formas, em vários contextos. Iniciando-se formalmente com o processo de aprendizagem do ensino da leitura e da escrita no espaço escolar, onde o(a) principal intermediador(a) desse conhecimento é o(a) professor(a).

Pode-se observar que ao longo dos anos o modo de ensinar do professor(a) passou por constante evolução nas formas de ensinar e aprender. É nítido que com as contínuas transformações da sociedade a imagem de professor(a) como detentor(a) do saber se desconstruiu e surgiu um modelo de educador(a) mais aberto as diversidades, principalmente quando falamos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais precisamente com a alfabetização, pois o processo de alfabetização de crianças ainda é visto por muitos educadores como um desafio.

Anos atrás o processo de aprendizagem da escrita, podia ser entendido como a reprodução de aspectos gráficos, ignorando a construção da criança em torno da escrita. Segundo Ferreira (1987, p. 18), os aspectos gráficos têm relação com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante (da esquerda para direita, de cima para baixo), a orientação dos caracteres individuais (inversões, rotações, etc.).

Em 1990, após a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, a alfabetização passou a ser considerada importante na aprendizagem da leitura e da escrita como um instrumento indispensável para o acesso ao conhecimento para o indivíduo viver em sociedade.

O ano de 1990 foi declarado o Ano Internacional da Alfabetização pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), com intuito de melhorar a qualidade da alfabetização, através do investimento do Banco mundial na alfabetização e educação básica. No Brasil com a luta contra o analfabetismo de crianças e adultos, algo muito presente nas camadas mais populares, surgiu a necessidade de estratégias de ensino que se adequassem a esta realidade. Partindo desse pressuposto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDBEN – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, instituiu que o processo de alfabetização se iniciava nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2005, a Resolução CNE/CEB nº 3/2005, de 3 de agosto de 2005: Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. O foco do Ensino Fundamental de nove anos tem como objetivo a erradicação do analfabetismo tendo como reflexo o Plano Nacional de Educação (PNE). Sendo assim, surgiu a necessidade de uma reorganização das propostas pedagógicas destinadas ao ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em maio de 2005, torna-se obrigatória a matrícula das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental pela Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração e estabelece prazo de implantação até 2010, com o objetivo de ampliar o tempo da alfabetização. A Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, “para orientar as políticas públicas educacionais e a elaboração, implementação e avaliação das orientações curriculares nacionais, das propostas curriculares dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, e dos projetos político-pedagógicos das escolas”. Em 2011, foi homologado as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental, definidas pelo Conselho Nacional de Educação, onde ficou estabelecido o fim da reprovação nos três primeiros anos do Ensino

Fundamental, propondo que as crianças avancem sem retenção, além de estabelecer que as crianças sejam alfabetizadas até os oito anos de idade.

Segundo Silva e Borges (2011), a partir de 1980 com a publicação da pesquisa de Emília Ferreiro e colaboradores no Brasil sobre a Psicogênese da língua escrita com as práticas sociais no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, surgiram revelações sobre o processo de alfabetização e suas fases. É nítido que o ato de alfabetizar não é uma atividade fácil, não existe manual de instruções, e faz-se necessário uma busca constante por evolução nas práticas pedagógicas.

Para Emília Ferreiro, processo de alfabetização está além do ambiente escolar:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p. 23)

Para a autora, a escrita pode ser considerada um dos fatores de grande importância no desenvolver do processo de alfabetização, pois está inserida na vida do(a) estudante dentro e fora do espaço escolar. “É necessário entender que a aprendizagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um código de transcrição: é a construção de um sistema de representação” (FERREIRO, 1987, p. 102). A escrita, do ponto de vista de Emília Ferreiro, pode ser considerada um sistema de representação da linguagem onde sua aprendizagem é considerada conceitual, caracterizando a língua escrita como um objeto de uso social.

Para Ferreiro (1987), a função social da escrita se refere as informações obtidas através da participação da criança em atos sociais dos quais fazem parte a leitura e a escrita, em diferentes contextos, como no uso de materiais que envolvam a escrita como na utilização de embalagens, visualização de cartazes na rua, livros, programas de tv, jornais, revistas, quadrinhos, etc. Dessa maneira, entende-se que no processo de alfabetização é preciso considerar as experiências e o contexto social do(a) estudante e uma aprendizagem que contextualize com a realidade, pois a criança aprende a ler e a escrever convivendo com a leitura e a escrita reais.

Nessa perspectiva, Ferreiro entende que a criança também é um ser pensante que tem a capacidade de aprender além da memorização de cartilhas ou manuais. Sendo assim:

Para alfabetizar é preciso ter acesso à língua escrita (tanto como para aprender a falar é necessário ter acesso à língua oral e é isso que está ausente nas famosas cartilhas ou manuais “para aprender a ler”. Nesses manuais apresentam-se orações estereotipadas, impossíveis de encontrar em textos com função comunicativa, informativa ou puramente estética: “Minha mãe me ama”, “O boi baba”, “O dedo de Dudu dói” são pseudoenunciados que só existem nos manuais escolares, que não comunicam nada, que não informam acerca de nada e que as crianças devem aceitar sem perguntar “que quer dizer”. (FERREIRO, 1993, p. 34)

Um programa que visa diminuir o analfabetismo e assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, final do 3º ano do Ensino Fundamental é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. O programa oferece, além da formação continuada aos profissionais da área, materiais diversos para dar auxílio necessário no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse mesmo raciocínio a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visa nortear as aprendizagens a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares da Educação Infantil ao Ensino Médio, com a intenção de garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno dos estudantes e nortear os currículos dos estados e municípios de todo o Brasil. Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde destaca:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BNCC, 2017, p. 59).

De acordo com a BNCC (2017), a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização e a construção do sistema alfabético do português do Brasil. Os alunos devem ser introduzidos no mundo da escrita na medida em que se alfabetizam. O processo de alfabetização acontece, então, juntamente com a leitura em voz alta e a produção de textos de diversos gêneros.

Uma das ~~diversas~~ maneiras encontradas pelo governo brasileiro de tentar melhorar a oferta da alfabetização visando a formação de professores alfabetizadores e com foco no aprimoramento das práticas pedagógicas de alfabetização, na perspectiva da proposta de alfabetizar letrando, foi investir na formação continuada dos professores, onde destaca-se o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Sendo assim, observando todo o processo que envolve a aquisição da leitura e da escrita e o papel do professor, a formação do(a) professor(a) alfabetizador(a) mostra-se essencial para desenvolver na criança as estratégias que envolvam o gosto pela escrita e leitura e seus diversos gêneros, além de identificar as dificuldades e criar maneiras de fazer com que elas avancem.

3. CURSO DE PEDAGOGIA, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)

Este capítulo discute a relação entre o curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba com base no Projeto Pedagógico do Curso buscando discutir a oferta de conteúdos que contribuem para a atuação prática na área de Alfabetização, visando a formação de professores(as).

Nesse sentido, parte do que está definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/1996), que propõe melhorar as condições de acesso da população brasileira à educação. Desse modo, para atender essa demanda surge a necessidade de profissionais qualificados para atuar na educação básica. Observamos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que a formação superior para o exercício da prática docente com a licenciatura plena é necessária e tem como objetivo assegurar a capacitação dos futuros profissionais da educação para atender à crescente demanda da sociedade. É a partir dessas questões que o capítulo discute o curso de Pedagogia do campus I e a importância do estágio supervisionado na formação de professores.

3.1 O CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

O PPC é um documento que busca orientar conhecimentos e saberes necessários à formação das competências estabelecidas a partir da estrutura e conteúdo curricular fundamentadas a partir da orientação básica das Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs.

O curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I – João Pessoa, em seu, foi elaborado por considerar importante atender as necessidades educacionais da sociedade paraibana. As reflexões surgem a partir do aumento da necessidade de educadores capacitados para atender à crescente demanda no mercado educacional, com pensamento consciente e crítico da sua importância profissional e social na área educacional.

De acordo com PPC do Curso de graduação em Pedagogia, o curso de licenciatura em Pedagogia foi criado pela Lei Estadual Nº 341 de 01.09.49,

Decreto Nº 30.909 de 27.05.52 e foi reconhecido pelo Decreto Presidencial Nº 38.146 de 25.10.55. Com base na Resolução CNE/CP N.º 1, de 15 de maio de Projeto Político do Curso de Pedagogia 2006 – O curso é composto de 02 (duas) áreas de aprofundamento para o último período: Magistério em Educação Especial e Magistério em Educação de Jovens e Adultos. O Curso possui uma carga horária de 3.210 (três mil duzentos e dez) horas-aula e uma duração mínima de quatro anos. As disciplinas do curso são vinculadas a 03 (três) departamentos do Centro de Educação - CE e 01 (um) departamento do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA. No CE temos o Departamento de Habilitações Pedagógicas (DHP), Departamento de Metodologia da Educação (DME) e Departamento de Fundamentação da Educação (DFE), e no CCHLA, o Departamento de Língua de Sinais (DLS)

O Curso de Pedagogia da UFPB tem por objetivo formar profissionais em educação para o exercício de funções voltadas para:

[...] o magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, na Educação de Jovens e Adultos, e/ou na Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (UFPB, PPC-Pedagogia, 2006, p. 13)

Nesse sentido o documento estabelece que, o futuro Pedagogo(a) terá uma formação teórica e prática articuladas no decorrer do curso. São conhecimentos voltados para todo o contexto político, social e econômico que estão presentes na realidade dos estudantes, aliados a prática pedagógica em espaços escolares e não-escolares.

O perfil profissional e as competências que o profissional em Pedagogia deve possuir, de acordo com o PPC, para estar apto a atuar com ética e respeito dentro e fora do ambiente escolar, seguindo princípios básicos como trabalhar com dedicação nas relações individuais e coletivas, e buscar a integração de todos nas atividades ofertadas.

O egresso do Curso de Pedagogia deverá estar apto a: *atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
*compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social [...] (UFPB, PPC-Pedagogia, 2006, p. 15).

A atual composição curricular do curso de Pedagogia da UFPB Campus I, traz uma carga horária mínima de 3.210 horas de trabalho acadêmico, divididas entre 1.680 horas de componentes básicos profissionais, 1140 horas de conteúdos complementares obrigatórios, 120 horas de conteúdos complementares optativos e 270 horas de conteúdos complementares flexíveis. Dentre estas, são 300 horas destinadas ao campo de estágio, onde o futuro Pedagogo(a) poderá observar e exercitar a teoria proposta em sala de aula, orientados pelo professor orientador da disciplina e auxiliado pelo professor supervisor em sala de aula, desde o estágio supervisionado em gestão educacional, o estágio supervisionado em educação infantil, o estágio supervisionado em magistério do ensino fundamental anos iniciais, o estágio supervisionado em magistério do ensino fundamental anos finais e o estágio supervisionado na área de aprofundamento.

As 120 horas destinadas a prática educativa alfabetizadora nos anos iniciais do Ensino Fundamental, propostas pelo curso, com base na análise que realizamos do currículo do curso e experiência no curso de graduação de Pedagogia, são:

- Organização e Prática do Ensino Fundamental:

Organização e Prática do Ensino Fundamental - 04 créditos - 60 horas. Ementa: Fundamentos filosóficos, históricos, sociológicos, psicológicos, biológicos, políticos culturais e legais do Ensino Fundamental. Concepções teóricas, metodológicas e prática pedagógica do Ensino Fundamental. (UFPB, PPC-Pedagogia, 2006, p. 32)

Que apresenta em seu plano de curso, os objetivos de:

•proporcionar a compreensão de fundamentos sócio-histórico-político-culturais e legais do Ensino Fundamental; •captar a significação social, política e cultural do letramento e da leitura no Ensino Fundamental de nove anos •refletir sobre concepções teórico-metodológicas de práticas pedagógicas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; •compreender o processo de aquisição da linguagem e da escrita •compreender a leitura como processo de formação cidadã •Elaborar recursos didático-pedagógicos para a alfabetização e letramento. (Sigaa-UFPB, Plano de Curso, 2019.2)

- Estágio Supervisionado III:

Estágio Supervisionado III - Magistério do Ensino Fundamental - 04 créditos - 60 horas. Ementa: Estudo avaliativo sobre a prática pedagógica do Ensino Fundamental (1ª e 2ª séries), objeto do próprio estágio, considerando as implicações teórico-metodológicas relacionadas às questões de observação e prática do estágio, enquanto situação de aprendizagem da sistematização da prática pedagógica, caracterização e avaliação da participação do estagiário enquanto sujeito da formação no processo de desenvolvimento do estágio. (UFPB, PPC-Pedagogia, 2006, p. 32)

Com ênfase no tema de alfabetização e formação de professores o curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, campus I, me fez refletir sobre a formação inicial de professores alfabetizadores e a proposta do curso, tendo em vista a necessidade de profissionais capacitados para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3.2 O ESTÁGIO COMO ELEMENTO PEDAGÓGICO ESSENCIAL NA FORMAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A)

O estágio supervisionado é componente obrigatório no currículo de cursos superiores, pois, de acordo com a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, o curso de licenciatura em Pedagogia nas instituições brasileiras de Ensino Superior, devem disponibilizar aos futuros profissionais em educação, oportunidades para o exercício prático em atividades que envolvam articulações entre teorias e práticas ofertadas no currículo do curso, com o objetivo de proporcionar a vivência docente ao/a estudante de Pedagogia no contexto onde futuramente atuará como profissional.

Para exercer a prática em sua área de atuação profissional, é necessário que se tenha conhecimentos que deem suporte para tal função. Sendo assim, acredita-se que o curso de formação em Licenciatura em Pedagogia proporcione esta vivência dando o suporte necessário para que o futuro educador construa ao longo do curso a sua identidade como futuro docente.

A Lei Nº 11.788/2008 em seu artigo 1º define o estágio como exercício prático para a atuação do futuro profissional: “Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino

regular em instituições de educação superior [...]”. Ainda vale destacar os 1º e 2º parágrafos do mesmo artigo que acrescentam: “o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando” e “visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”.

A Universidade Federal da Paraíba Campus I, no que se refere aos cursos de licenciatura em sua recente, explicita as normas relativas ao estágio curricular supervisionado:

Art. 190. O estágio curricular supervisionado é norteado pelos princípios da integração teoria e prática, realizado pelo discente na própria Instituição ou em unidades concedentes de estágios, sob a forma de vivência profissional sistemática, intencional, acompanhada e constituída na interface do PPC. (UFPB, 2020, p. 49)

Na UFPB Campus I, existem dois tipos de estágios supervisionados de acordo com o Art. 192 da Resolução Nº 29/2020, “O estágio curricular supervisionado divide-se em obrigatório e não obrigatório, podendo ser interno ou externo”. Pode-se destacar na Lei 11.788/2008, o Artigo 2º, inciso I, onde “Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito Resolução Nº 29/2020 para aprovação e obtenção de diploma” e o inciso II, que define “Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória” (BRASIL, 2008).

Para Pimenta e Lima (2006), “Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”, ou seja, o estágio trata a vivência na realidade em sala de aula, na interação com o professor(a), com o(a) aluno(a), com a sociedade, como conhecimento substancial para a futura atuação profissional.

O estágio curricular é a parte prática dos cursos em geral, está sempre aliado a teoria dada em sala de aula. No curso de Pedagogia não é diferente, pois trata-se do contato com a realidade da sala de aula, embora o tempo de estágio curricular obrigatório previsto seja mínimo para se ter uma boa noção da

realidade. O estágio curricular mostra-se como uma investigação do contexto escolar, através da observação das escolas, dos professores e alunos(as).

No que diz respeito ao estágio extracurricular, o contato com o ambiente escolar é maior, pois além de ser remunerado, é estabelecida uma carga horária de 20 horas semanais e a participação ativa do(a) estagiário(a). Desse modo, este estudo está preocupado em analisar o estágio não-obrigatório realizado em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental relacionando a vivência proporcionada pelo estágio no processo de alfabetização e a teoria estudada no curso de Pedagogia da UFPB Campus I.

3.3 A PROPOSTA CURRICULAR DO CURSO PARA A FORMAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO

No processo educativo a alfabetização é considerada um grande desafio, pois é um procedimento contínuo essencial na formação do cidadão. Considerando a importância que a alfabetização tem na formação dos indivíduos, cabe ao curso de Pedagogia formar professores(as) alfabetizadores(as) com habilidades e competências essenciais ao desenvolvimento desse processo.

O curso de Pedagogia deve formar o Pedagogo *stricto sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socio-educativas de tipo formal, não-formal e informal, decorrentes de novas realidades (LIBÂNEO, 2010, p. 38).

O Projeto Político Pedagógico é um documento de instituição de ensino acadêmica ou não, que direciona, fundamenta e organiza o currículo. Ao investigar o PPC do curso de Pedagogia da UFPB campus I, observam-se duas disciplinas obrigatórias que se destacam por sua vivência pedagógica no processo de Alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Organização e Prática do Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado III - Magistério do Ensino Fundamental.

As duas disciplinas, Organização e Prática do Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado III - Magistério do Ensino Fundamental, trazem em seu plano de curso uma carga horária total de 60 horas, alternando entre teoria e prática em sala de aula.

Os Conteúdos abordados em sua teoria, enfocam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com uma metodologia voltada para debates e discussões em torno de questões referentes aos conteúdos, que envolvem leitura de textos, filmes, discussões e rodas de conversas.

Num curso de formação de professores, todas as disciplinas, as de fundamentos e as de didáticas, devem contribuir para a sua finalidade que é a de formar professores, a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 13).

As disciplinas em destaque trabalham a teoria e prática em sala de aula. As discussões realizadas em sala mostram propostas de como se constroem uma prática educativa com base teórica contextualizado com relatos de experiências dos alunos e professores.

4. METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de natureza descritiva elaborada a partir das vivências realizadas no estágio não-obrigatório, realizado na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba Campus I. A pesquisa foi realizada com base nas observações e análise bibliográfica/documental.

Buscou compreender através das vivências e documentos utilizados, se o currículo de formação de professores(as) no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I, proporciona vivências na área de alfabetização.

Sobre a pesquisa de natureza descritiva Gil (2002) destaca:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p.42)

Assim, a primeira forma de coleta de material de pesquisa foi a de caráter documental, quando trabalhamos os documentos oficiais que orientam e/ou tratam as políticas educacionais da Alfabetização como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação LDBEN; Resolução CNE/CEB nº 3/2005, de 3 de agosto de 2005, sobre as normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração; Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa; Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além da análise bibliográfica/documental da proposta curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I do ano de 2006 e a legislação que envolve o estágio, Lei Nº 11.788/2008. Procuramos identificar, dessa forma, que elementos estão presentes nesses documentos e que contribuem para as vivências na área de alfabetização na formação do Pedagogo(a).

De acordo com Bardin (1988, p. 46), a análise documental permite, a partir de um documento primário, a construção de um documento secundário que pode ser representado sob a forma de resumo ou qualquer outra forma de condensação do documento segundo objetivos determinados.

Um outro instrumento utilizado foi o diário de campo do estágio, onde analisamos os escritos das observações vivenciadas no contexto alfabetizador

da turma do primeiro ano, embasadas por discussões realizadas na disciplina de “Organização e prática do ensino fundamental – anos iniciais” e no curso de Pedagogia, através de textos bases sobre o processo de Alfabetização, de autoras como Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Magda Soares. Dessa forma, de acordo com Vianna (2003, p.12), a observação é uma das mais importantes fontes de informações da pesquisa qualitativa. Anotações cuidadosas e detalhadas vão constituir os dados brutos das observações.

Buscou-se com as observações perceber as situações que aconteciam de forma prática, no contexto da sala de aula, na aquisição da escrita e leitura na rotina escolar, como a escrita sobre atividades realizadas, os projetos de leitura, materiais utilizados no processo de alfabetização, postura do professor e alunos e as decisões e desafios enfrentados nesse processo de aprendizagem. As observações ocorreram em um período de 06 (seis) meses com 20 horas semanais, no período da manhã.

No decorrer do trabalho, iniciamos, primeiramente, com a revisão das literaturas sobre o tema da pesquisa. Depois, realizamos as observações em torno da rotina e propostas de ensino na turma do primeiro ano da Escola de Educação Básica da UFPB. Após as observações, realizamos a análise dos dados do campo de pesquisa, junto com os estudos documental/bibliográfico realizado. No próximo capítulo, damos continuidade a trajetória da pesquisa com a apresentação das análises.

5. TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Neste capítulo abordamos os resultados alcançados através da vivência no estágio supervisionado não-obrigatório e as possíveis contribuições a comunidade acadêmica.

O Estágio aconteceu quando estava cursando duas disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba que abordavam a prática em sala de aula e eram voltadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental. As disciplinas eram de Organização e prática do ensino fundamental e Estágio supervisionado III – Anos iniciais do ensino fundamental, duas disciplinas que nortearam algumas observações em sala de aula.

Na disciplina de Organização e prática do ensino fundamental conheci as teorias e perspectivas de Emília Ferreiro e Magda Soares referentes ao processo de alfabetização. Realizei a leitura de textos de Ferreiro como o livro “Com todas as letras” (1999), “Reflexões sobre alfabetização” (1985) e “Psicogênese da língua escrita” (1989) com as contribuições de Ana Teberosky, também tive acesso ao Artigo de Soares, “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”.

Através da leitura desses textos pude me iterar das questões acerca da Alfabetização e Letramento, em torno das teorias de Emília Ferreiro. Ainda no percurso da disciplina, construímos jogos educativos baseados nos níveis de hipóteses da escrita, segundo Emília Ferreiro. Na disciplina de Estágio supervisionado III aprendi a construir e contextualizar vivências para os alunos do ciclo de alfabetização, além de compreender como trabalhar com interdisciplinaridade e também partilhei com os participantes da turma a experiência das vivências realizadas em sala de aula.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O Estágio foi realizado através de edital lançado pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, para auxiliar nas atividades inerentes na Escola de Educação Básica da UFPB, com uma carga horária de 20 horas semanais pelo período de seis meses, perfazendo um total de 540 horas de atividades pedagógicas, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com o Regimento interno da Escola de Educação Básica da

UFPB (EEBAS) aprovado pela Resolução nº 20/2019 da UFPB, a escola está situada no Campus I, no bairro do Castelo Branco, no município João Pessoa/PB é integrante da Universidade Federal da Paraíba, vinculada ao Centro de Educação, e se dedicada especificamente a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. A Escola de Educação Básica é fundamentada em uma perspectiva de construção de conhecimento e se caracteriza como uma instituição de natureza essencialmente educacional de Ensino, Pesquisa e Extensão na oferta da Educação Básica com Educação Infantil compreendendo creche e pré-escola e o Ensino Fundamental (REGIMENTO interno da EEBAS, 2019).

A Escola de Educação Básica em sua estrutura física é adaptada para atendimento das crianças da educação infantil e alunos do Ensino Fundamental. A área reservada para a educação infantil, possui 03 salas de aulas, 01 banheiro adaptado para os pequenos, 01 brinquedoteca, 01 sala de vídeo e uma copa de apoio. Para o Ensino Fundamental são 05 salas de aula, 02 banheiros e 01 brinquedoteca. Para os espaços de uso geral temos 2 pátios cobertos, 01 pátio descoberto, 01 parquinho de areia, 01 sala de AEE, portaria, recepção, coordenação, diretoria, cozinha, refeitório, sala de nutrição, copa, sala dos professores, copa para os funcionários, sala da psicóloga, almoxarifado, depósito, 02 banheiros para funcionários. Existem 06 salas de aula com ar condicionado e 02 com ventiladores, as cadeiras e mesas são adequadas para crianças, quadro branco, armários (Relatório de estágio supervisionado III, 2020, p. 7).

Nas salas de aula encontramos calendários, cantinho da leitura, cestos com brinquedos e varais para exposição dos trabalhos feitos pelas crianças. Cabe ressaltar que a escola como um todo utiliza de forma pedagógica todos os seus espaços, sendo encontradas paredes ornamentadas por pinturas, trabalhos de alunos, pinturas no piso para brincadeiras de amarelinha e outros jogos, horta feita em materiais recicláveis como os canteiros de flores feito com pneus de carros.

Em 2019, quando realizei o estágio o Projeto Político Pedagógico da escola estava em construção. Porém, percebe-se que a equipe escolar tenta proporcionar qualidade a educação que oferecem as crianças. A escola fornece

todo tipo de material para desenvolvimento de atividades: diversidade em papéis, materiais de pintura, recursos audiovisuais, transporte para aulas de campo pela Universidade Federal da Paraíba. É disposto brinquedos lúdicos e didáticos, livros e gibis, em cada sala de aula e que corresponde à faixa etária da turma.

O estágio teve início no dia 17 de julho de 2019, onde fui apresentada aos estudantes pela Professora, como estagiária do curso de Pedagogia.

Para Ferreira (1993, p. 33): Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.).

A autora destaca a importância da organização de uma sala de alfabetização e todo o contexto que envolve esse processo de aquisição da escrita com a exposição de materiais que auxiliem nessa aprendizagem. Na sala de alfabetização do 1º ano, encontrei um ambiente com brinquedos e uma estante com livros, revistas e dicionários disponíveis para a leitura dos alunos, uma caixa grande com vários jogos como o alfabeto móvel, quebra-cabeças de palavras, dominó de sílabas e imagens, bonecas, carrinhos e bichos de pelúcia. Na parede estavam expostos o alfabeto, os números de 0 a 9 e cartazes com atividades feitas por eles, que mostrava que já haviam trabalhado o gênero textual parlenda. As cadeiras estavam organizadas em quatro filas com cinco cadeiras cada, de acordo com a professora a dinâmica da posição das cadeiras era alterada pelo menos três vezes durante o ano, podendo ser dispostas em círculo, em fileiras, ou em pares, dependendo da necessidade dos alunos e da proposta da aula.

Algumas observações foram norteadas a partir das concepções de Emília Ferreira sobre a alfabetização, através da leitura de algumas de suas obras.

5.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A turma era conduzida por uma professora, formada em Pedagogia e Fonoaudiologia, e fazia mestrado em educação pela UFPB, ela era professora em regime de contratação de dois anos e já estava em seu período final de contrato, atuava na área há mais de cinco anos. A turma do 1º ano era composta

de 18 alunos matriculados e 17 frequentando, com uma (01) criança com diagnóstico de Autismo e mais (02) crianças com suspeita de Autismo, mas sem diagnóstico.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

As aulas são planejadas de acordo com a proposta curricular da escola através de sequência didática e a professora busca sempre cumprir com o planejado. Utiliza os livros didáticos como referência para os conteúdos que serão trabalhados em sala de aula. Um ponto que me chamou bastante atenção foi a realização mensal do diagnóstico do nível de alfabetização dos alunos, com o auxílio da Pedagoga da escola. Esse diagnóstico acontece através da realização do ditado de palavras, onde organizam-se os estudantes em 4 níveis de aprendizagens, distribuídos em: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético, com base nas concepções de Emília Ferreiro.

No meu primeiro dia de estágio a professora iniciou a aula com uma roda de conversa bastante informal, onde todos sentaram em círculo no chão, bem à vontade e relataram como foram as férias. Em seguida todos sentaram nas mesas e trabalhou-se o dia, o mês e o ano que estávamos através do calendário. No decorrer da aula a professora realizou uma atividade diagnóstica com os estudantes, onde eles escreviam o nome e as palavras que lembravam as férias ou representavam com desenhos em uma folha em branco, o intuito era acompanhar a aprendizagem após esse período, ela pediu que eu apenas observasse. Na volta do intervalo houve o momento de relaxamento com música do grupo musical Palavra Cantada “Sopa do neném”, onde apagou-se a luz e todos tentaram relaxar, ao final realizou-se a retomada de atividade para casa com conteúdo de Língua Portuguesa e para isso a professora entregou aos alunos o livro para que colocassem na bolsa e anotassem na agenda, onde percebi que a maioria dos alunos possuíam grande dificuldade de realizar a escrita através do quadro. Neste primeiro momento me ative apenas a observar e auxiliar a professora na entrega de materiais.

A rotina da turma iniciava com a apresentação do calendário: escolhe-se uma criança para mostrar aos colegas qual o dia foi o anterior, qual o dia de hoje, o dia da semana, o mês e o ano em que estamos. Em seguida, realizava-se a chamada pelo nome completo do aluno. A atividade que era realizada em casa era colocada na mesa logo após a chamada, posteriormente acontecia uma atividade de classe no livro, caderno ou oficinas que eram realizadas pelos estagiários do Programa Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da UFPB. Após o intervalo acontecia o momento de relaxamento, onde apagavam-se as luzes da sala de aula e todos ouviam uma música de repertório infantil, em seguida a educadora contava uma história. Na contação de histórias observei que a professora antes de iniciar explorava a capa do livro, falava o título, informava o(a) autor(a) e a editora do livro e ao final iniciava a discussão sobre o assunto abordado, a partir dessa observação comecei a seguir essa estratégia de leitura. A professora me deu toda a liberdade para que junto com ela pensasse em aulas e projetos para a turma. A contação de histórias era diariamente realizada com os estudantes e isso estimulava que eles buscassem livros na biblioteca para leitura.

Em relação às crianças com diagnóstico e outras com suspeita de Autismo, existia um acompanhamento maior acerca da atividade, pois a professora os colocava sentados mais próximos a ela, existia apenas um dos três que possuía diagnóstico completo de Autismo, este era o único que só realiza as atividades propostas quando sentia vontade, pois não interagia muito bem. Me dispus a acompanhá-lo sempre que fosse necessário para dar um suporte nas atividades. O aluno com autismo tinha um grande interesse nos livros de literatura e contação de histórias, ele interpretava as histórias com a leitura das imagens era um canal de comunicação com ele, desse modo a professora sempre estimulava seu acesso aos livros com mais frequência, quando ele ficava ocioso a educadora pedia que eu disponibilizasse o alfabeto móvel para ele, ela me falou que o aluno interagia muito bem com os jogos.

A rotina também incluía as segundas e quartas-feiras a educação física no segundo horário e o momento do brincar, uma aula de descontração que ocorria nas sextas-feiras, em que eles ficavam livres para brincar no segundo horário em sala de aula e trazer brinquedos.

No dia 18 de julho a professora realizou a avaliação da turma, onde todos os alunos foram organizados para que não olhassem para a atividade do colega. A atividade consistia na escrita do alfabeto juntamente com o nome do estudante em uma folha em branco. Notei que alguns alunos utilizavam como guia o alfabeto exposto na parede da sala e tentavam assimilar os sons das palavras ditadas com as letras do alfabeto. Outro ponto, era a escrita na forma bastão e a confusão entre letras e números. A educadora explicou que possuía um caderno com todas as avaliações realizadas de seus alunos, onde encontravam-se os níveis de aprendizagem em que cada estudante se encaixava. A educadora me mostrou como estavam os níveis de aprendizagem dos estudantes, como mostro na tabela abaixo:

Níveis de desenvolvimento da escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da EEBAS – julho /2019

Níveis de hipóteses da Escrita	Número de Alunos
Pré-silábico	3
Silábico	5
Silábico-alfabético	3
Alfabético	6

Fonte de dados: Professora da turma

Após a avaliação a professora falou que seu desejo era que ao final do ano letivo todos pudessem estar no nível alfabético, mais como o tempo era curto e nem todos os pais ajudavam com as atividades de casa, ela iria fazer o possível para que eles evoluíssem o máximo, surgiu então a ideia de uma ação sistemática em que trabalhássemos a escrita dos nomes com os que tinham mais dificuldade e com ajuda dos jogos pedagógicos nos momentos em que terminassem a atividade mais cedo. Também foram organizadas as cadeiras em pares, onde ficava uma criança com dificuldades e outra que não tinha, para que se ajudassem.

Criou-se uma rotina para os alunos que não conseguiam escrever o nome completo, alguns dos que estavam entre os níveis silábico e pré-silábico, com ajuda do crachá que cada um possuía com seus nomes eles os reescreviam em uma folha individual enquanto pronunciavam até que conseguissem fazer sem a ajuda do crachá. Como avaliação da atividade era perguntado pela professora se eles se sentiam seguros em escrever sem o crachá, se a resposta fosse sim, ela o chamava para escrever no quadro, essa atividade ficou sobre minha responsabilidade de execução, mas a avaliação era realizada pela professora.

O trabalho com a escrita em sala de aula era constante, a professora explorava muito os gêneros textuais tanto nos livros, quanto em atividades de pesquisa, quando era solicitado que trouxessem de casa: recorte de jornais, revistas, rótulos, como forma de pesquisas. Das atividades relacionadas aos gêneros textuais que participei, uma foi a do Bilhete: em casa o aluno escreveria um bilhete para o seu melhor amigo da sala e na classe lia para os colegas, que apesar de poucos estarem no nível alfabético, não os limitavam a participar, pois podiam representar também com desenhos, eles faziam muitas cartinhas com desenhos e frases para a professora e para mim.

Todas as sextas-feiras, ficava responsável em separar os livros de literatura infantil do projeto de leitura da turma, que funcionava da seguinte forma: no início do ano cada aluno(a) trazia um ou mais livros de literatura para escola, onde se realizava um rodízio para que todas as sextas-feiras cada um levasse um livro para casa para ler junto com a família e na segunda-feira falar sobre o que havia lido para os colegas e responder uma atividade relacionada ao livro no caderno. A atividade abordava: qual o título do livro, o nome do autor(a), do que falava a história. Este último questionamento podia ser respondido também com desenhos ou escrita.

A turma era cercada de projetos além de vários estagiários de outros cursos e também de Pedagogia que traziam atividades que complementavam a aprendizagem da turma, onde alguns estavam participando tanto do estágio supervisionado curricular obrigatório como de projetos. As atividades desenvolvidas por eles eram sempre planejadas junto com a professora. O bingo de palavras e o gênero textual Receita, foi uma dessas atividades. O bingo de palavras consistia em retirar de dentro de uma caixa de sapato com um buraco,

palavras que continham as sílabas “que, qui” propostas em uma atividade do livro de língua portuguesa da turma, para serem ditadas pela estagiária da Residência Pedagógica e escrita no caderno, após era feita a correção no quadro por um aluno que já tivesse terminado ou pela própria estagiária, a professora interferia apenas quando necessário para pedir silêncio e chamar atenção da turma. O gênero textual Receita foi trabalhado pelas estagiárias de nutrição, que fizeram uma abordagem em sala de aula com as crianças, elas escreveram a receita no caderno e na outra aula levaram para fazer a receita no refeitório, a receita era “bolinho de arroz”.

Nesse período de estágio participei do planejamento para a realização do desfile cívico da escola. O tema do desfile foi sobre a Paraíba e a turma do primeiro ano trabalhou o tema Literatura da Paraíba, então escolhemos José Lins do Rêgo e Ariano Suassuna. Com apoio dos estagiários do Programa Residência Pedagógica elaboramos várias atividades relacionadas, uma delas foi a exibição de um vídeo sobre a obra Menino de Engenho de José Lins do Rêgo, em formato de Cordel, em seguida a professora formou uma roda de discussões sobre o tema e também deu início a explanação sobre as obras de Ariano Suassuna. A representação dessa aprendizagem se deu na forma de desenho livre. Em outras atividades relacionadas trabalhou-se a oralidade junto com a consciência fonológica, na produção em grupo dos cordéis, maquetes, pinturas de faixas, desenhos e telas. Todo o material produzido foi exibido no desfile cívico.

Outro projeto de muito aprendizado foi a semana da Criança, de 7 a 11 de outubro de 2019, não participei da reunião do planejamento, mas pude participar do processo de construção com os envolvidos, tudo pensando nas crianças. Foi uma semana com o Projeto de Educação Ambiental, teve piquenique, Cinema, show de talentos, contação de histórias, oficinas e vivências, onde ministrei a oficina de costura na confecção de chaveiros de tecido feito a mão com o objetivo de trabalhar a coordenação motora e as profissões, foi o meu primeiro desafio no papel de professora, em adaptar uma atividade considerada incomum para crianças.

A leitura dos textos de algumas atividades do livro didático era realizada coletivamente, a professora iniciava com um parágrafo e mandava alguns alunos continuarem, ela repetia a leitura do trecho caso não conseguissem compreender

a leitura do colega, passou a ser algo frequente nos dois últimos meses do ano letivo.

Outro ponto alto da minha experiência foram as aulas de campo. O desafio era conseguir ensinar e ao mesmo tempo controlar a euforia das crianças em uma aula fora do espaço escolar. Participei de 03 (três) aulas de campo com a turma, fomos conhecer a Biblioteca Central, o Parque Arruda Câmara – Zoológico da Bica e o ateliê do artista Flávio Tavares.

A visita a Biblioteca Central aconteceu em uma das primeiras semanas que atuei como estagiária na escola, com auxílio de uma outra estagiária. Seguimos caminhando até o nosso destino. Iniciamos e a professora aproveitava para falar sobre as sinalizações de trânsito, como passar na faixa de pedestre, além de mostrar alguns prédios da Universidade como a Reitoria e o estacionamento. Ao chegar na Biblioteca, sentamos todos os alunos na entrada para organizar a fila e falar sobre as regras da Biblioteca e, principalmente, a importância do silêncio. Um funcionário estava nos esperando para nos guiar na visita. No térreo ele mostrou as fileiras de livros e como era feito para encontrar o livro desejado. No segundo andar, além dos livros, eles puderam conhecer alguns objetos antigos, como o telefone com fio e a máquina de datilografia. Além de, assinarem o livro de frequência da biblioteca. Ao voltarmos para a escola, a professora pediu que as crianças fizessem como atividade de casa, um texto ou desenho sobre a visita à biblioteca incluindo o trajeto e tudo que aprenderam. No dia seguinte também realizou uma atividade no livro de geografia, referente ao trajeto de casa até a escola.

A aula de campo no parque Arruda Câmara, reuniu quase todos os estudantes, o motivo da visita era abordar os animais em seu habitat e sua rotina. Desta vez contamos com a ajuda de três estagiários do Projeto Residência Pedagógica. No parque, foi o momento em que eles conheceram os animais em seu espaço natural, percorremos todos os espaços do parque caminhando e seguimos uma trilha, inclusive a professora destacou sobre a elefante conhecida como Leide e seu estado de saúde, motivo de sua mudança para um santuário. Na época era constantemente mencionado nos meios de comunicação e muitas das crianças tinham conhecimento dos fatos. Fizemos vários registros fotográficos do momento.

O último passeio que fizemos foi ao ateliê do artista Flávio Tavares, realizado com o objetivo de que as crianças conhecessem o artista e suas obras, além de aprenderem sobre a confecção de uma pintura em tela, o intuito era que eles pudessem reproduzir o que aprenderam com o artista, para expor na “Mostra do Conhecimento”, realizada pela escola no mês de novembro. Antes de tudo, a professora havia solicitado uma pesquisa sobre o artista e realizado uma discussão sobre quem era o mesmo. No ateliê, o artista reuniu as crianças sentadas no chão, após mostrar suas obras, e pintou uma tela explicando todos os procedimentos para a confecção de uma pintura, em seguida fez um desenho em papel para cada visitante e assinou, além de doar a tela pintada no momento da visita para a exposição na escola. Como resultado da aprendizagem, a professora solicitou que todas as crianças comprassem uma pequena tela e argila, para que a tela fosse pintada em sala de aula, assim como a confecção de esculturas em argila, com inspiração nas obras de Flávio Tavares para exporem no evento como o que havia proposto. No dia do evento auxiliei a professora na organização da sala, inspirada em uma exposição de arte. Os discentes puderam apresentar suas obras para os visitantes e falar sobre sua inspiração.

A construção do livro coletivo e a colcha de retalhos da turma do 1º ano foram os últimos trabalhos envolvendo a escrita com as crianças, era uma tradição da escola para com os formandos. No livro coletivo cada um ilustrava e escrevia uma página e todos receberiam uma cópia como recordação e na colcha de retalhos eles escreviam em cada retalho o seu nome, onde a colcha ficaria na escola.

5.4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As informações obtidas diante da pesquisa realizada na Escola de Educação Básica da UFPB no Município de João Pessoa, onde realizei vivências na área de alfabetização com o estágio não-obrigatório, me deu a oportunidade de observar o espaço escolar, participar do ambiente alfabetizador e realizar observações no processo de aprendizagem da turma de 1º ano na instituição.

Ferreiro (1999), nos mostra através dos seus estudos, que a escrita pode ser entendida como objeto social e que todos na escola e antes dela, podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível, sendo preciso estimular e permitir a interação da criança com a língua escrita, nos diferentes contextos, iniciando com o acesso à escrita do nome próprio.

Com base nas concepções de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em nossa pesquisa iniciamos com a **observação do espaço físico da sala** de aula, a organização da sala de alfabetização do 1º ano do Ensino Fundamental, chama a atenção para a exposição de diferentes materiais escritos, como a exposição do alfabeto, a exposição dos livros como uma minibiblioteca, a disposição das cadeiras em círculo, às vezes fileiras e em pares. A exploração da escrita é predominante. Um ambiente alfabetizador é rico em material escrito e em todo o contexto que envolve o processo de aquisição da escrita, como enfatiza a autora Ferreiro (1993), quando afirma que, em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros, como qualquer tipo de material que contenha escrita.

Outra observação importante está relacionada a **contação de histórias**, realizada diariamente pela professora e, às vezes por mim como estagiária, chamavam a atenção para o desejo da leitura entre os alunos, eles queriam participar, mesmo que realizassem a leitura das figuras e de algumas sílabas e compartilhavam de sua leitura. Assim como o **trabalho com diferentes gêneros textuais**, através de atividades de pesquisa, uma forma de contextualizar a escrita com a realidade dos alunos com jornais, revistas, rótulos, bilhete, diferentes literaturas, receitas, eles conseguiam identificar os elementos presentes no texto e diferenciar uma lista de compras de um bilhete ou um anúncio, principalmente quando envolvia a prática em sala. Sobre o trabalho da professora como alfabetizadora com as diferentes formas de escrita, ainda de acordo com Ferreiro (1993), quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças ou diferenças.

O Projeto de Leitura realizado às sextas-feiras, onde ficava como responsável em separar os livros de literatura infantil do projeto, juntamente com a contação de histórias realizada frequentemente. O envolvimento nessas

práticas, trouxe leveza a minha concepção do processo de alfabetização, que na maioria das vezes, se baseava na minha convicção como adulto alfabetizado.

Uma observação importante está relacionada com a avaliação realizada pela professora. A avaliação era baseada nas hipóteses de escrita das crianças segundo as concepções de Ferreiro (1987), sobre **o nível de desenvolvimento da escrita** dos alunos do 1º ano em julho de 2019, quando iniciei o estágio, mostrou que 6 (seis) dos 17 (dezesete) alunos estavam no nível alfabético, ou seja, reconhecendo as letras, identificando as sílabas e lendo, 3 (três) no nível silábico-alfabético, 5 (cinco) no nível silábico e 3 (três) no nível pré-silábico fazendo com que a professora buscasse estratégias para desenvolver a leitura e a escrita no restante da turma. Dos três que estavam no nível pré-silábico, um tinha diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outro estava sobre investigação.

A professora demonstrava preocupação ao relatar que gostaria que todos estivessem no nível alfabético ao final do ano letivo. Na última avaliação realizada em dezembro de 2019, 9 (nove) alunos estavam no nível alfabético, 3 (três) no nível silábico-alfabético, 2 (dois) no nível silábico e 3 (três) no nível pré-silábico. Comparando o mês de julho, houve uma evolução na aprendizagem da turma.

Os níveis na hipótese de escrita das crianças me fizeram relacionar a aprendizagem da disciplina de “organização e prática do ensino fundamental” no curso de Pedagogia da UFPB. Através da vivência na disciplina de “Organização e prática do ensino fundamental” e todos os conteúdos que foram trabalhados sobre a alfabetização nos anos iniciais, durante o período 2019.2, fiz a correlação da aprendizagem com a prática observada no estágio obrigatório. Observei que essa foi a única disciplina que cursei, que era voltada para o ensino e aprendizagem da alfabetização, como mostra o plano de curso da disciplina:

Unidade I: Fundamentos sócio-histórico-político-culturais e legais do Ensino Fundamental •Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos;
•Aspectos legais do Ensino Fundamental de nove anos e a criança dos Anos Iniciais; •Saberes e práticas pedagógicas: fundamentos epistemológicos e a relação “teoria-prática”.
Unidade II: O Ensino Fundamental de nove anos e a significação social e política da leitura •A prática de ensino nos Anos Iniciais: implicações teórico-metodológicas.

•Organização do trabalho escolar nos ciclos de alfabetização e a gestão da sala de aula. •A leitura no Ensino Fundamental de nove anos e a formação cidadã de crianças e jovens. Unidade III: Práticas pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental •Alfabetização e letramento •A Psicogênese da língua escrita •Projeto de ensino sobre alfabetização e letramento •Recursos didático-pedagógicos para alfabetização na perspectiva do letramento" (UFPB, disciplina de Organização e prática do ensino Fundamental, Plano de curso – 2019.2)

Nessa disciplina aprendi como se trabalhar os tipos textuais, principalmente os rótulos que fazem parte da rotina dos alunos, confeccionamos alguns jogos educativos, um deles foram cartas com rótulos impressos com o objetivo de materializar algumas ideias apresentadas por Ferreiro (1993) onde fala que, um fator frequentemente mencionado como necessário para facilitar as ações de alfabetização é a produção de materiais. Conheci as teorias de Emília Ferreiro através dessa disciplina, já com 65% do curso de Pedagogia concluído, ou seja, tive acesso ao conhecimento teórico sobre o processo de aquisição da escrita nos últimos períodos do curso, o que contribuiu para os questionamentos no desenrolar dessa pesquisa.

Um momento importante como vivência no exercício como futura professora, aconteceu na semana de comemoração do Dia das Crianças, a escola realizou diversas atividades voltadas para a comemoração, entre elas, oficinas com diferentes atividades para toda a escola. Ministrei a oficina de costura para os alunos. Planejar e executar a aula não foi fácil, mas como cursava a disciplina de Estágio supervisionado no ensino fundamental anos iniciais, pude seguir o roteiro das vivências solicitadas pelo professor, adaptar a atividade e realizá-la sobre a supervisão da professora da turma. Iniciei a aula relatando para os alunos que a costura era uma atividade tradicional da minha família utilizada como meio de sobrevivência.

A avaliação da atividade foi satisfatória e me fez refletir que a interação entre o meio social e a aprendizagem é uma prática educativa concreta, ao refletir sobre esse feito como futura educadora, Pimenta e Lima (2006) complementam este raciocínio quando afirmam que as atividades materiais que articulam as ações pedagógicas são as interações entre os professores, os alunos e os conteúdos educativos em geral para a formação do humano; as interações que

estruturam os processos de ensino e aprendizagem; as interações nas quais se atualizam os diversos saberes pedagógicos do professor, e nas quais ocorrem os processos de reorganização e ressignificação de tais saberes.

Outro aspecto que merece destaque é com base na vivência no estágio supervisionado não-obrigatório na escola de Educação Básica da UFPB e no estágio supervisionado obrigatório ofertado pelo curso de Pedagogia e minha reflexão com a análise dos documentos como a Lei do estágio Lei 11.788/2008 e a Resolução Nº 29/2020 da UFPB, em relação **a carga horária e a experiências vivenciadas nos estágios obrigatórios e não-obrigatórios**, observo a grande discrepância entre as ofertas de estágio, a diferença está no período de realização juntamente com a carga horária e a participação do estagiário. Foram 540 horas de atividades pedagógicas vivenciadas em sala de aula, distribuídas em 5 dias semanais no estágio não-obrigatório com participação ativa em todo o processo de aprendizagem. Enquanto no estágio obrigatório foram 60h, que contempla um dia na semana de observação e realização de no máximo três vivências

As disciplinas voltadas para o desenvolvimento do estágio supervisionado obrigatório no curso de Pedagogia, nos fazem acreditar que as teorias abordadas pelos teóricos estudados são técnicas facilmente aplicáveis e podem resolver as situações que venham surgir em sala de aula, essas “concepções” nos decepcionam quando entramos em contato com a realidade, pois além das teorias é necessária uma desenvoltura do professor para aprender com a situação e depois contorná-la.

O estágio não-obrigatório na alfabetização, permite conhecer o seu espaço de futura atuação como Pedagogo(a), e proporciona um contato maior com a prática educativa alfabetizadora, para os profissionais que desejam atuar na área, proporcionando aprendizagens significativas que norteiam a formação do futuro alfabetizador e que contribuem para a resolução dos problemas encontrados no contexto educativo.

De acordo com o exposto, Pimenta e Lima (2012) afirmam que esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar

projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso discute a temática da alfabetização e o currículo de formação de professores no curso de Pedagogia da UFPB, Campus I. Objetivou analisar a proposta curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I para a formação de professores(as) realizado a partir da experiência na área da alfabetização proporcionada pelo estágio não-obrigatório realizado no primeiro ano do Ensino Fundamental no período de 6 meses, no ano de 2019.

As observações realizadas na escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba trouxeram muitas reflexões em torno da prática alfabetizadora, foi importante para que se pudesse compreender o funcionamento na prática de uma sala de aula de alfabetização. À princípio com observações registradas em um diário; visando compreender a prática pedagógica na alfabetização ao mesmo tempo que refletia sobre a formação de professores de acordo com a proposta curricular do curso de Pedagogia.

Algumas concepções das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, trabalhadas pela professora da escola, na avaliação do processo de aquisição da escrita com os níveis de desenvolvimento da hipótese de escrita, cujo os resultados contribuíram para a criação de estratégias de aprendizagem, me fez refletir sobre os textos estudados no curso de Pedagogia, na disciplina de “Organização e prática do ensino fundamental”, uma das duas disciplinas que necessariamente aborda a alfabetização de forma teórica e prática.

Ainda sobre a alfabetização, observamos como um ambiente físico rico em materiais voltados para o desenvolvimento da escrita é importante no processo de ensino e aprendizagem, desde que o material escrito tenha uma função social.

Quanto às observações realizadas através da vivência prática com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica, estas proporcionaram uma grande contribuição para a futura atuação como pedagoga, principalmente quanto à participação ativa na sala de aula, no auxílio ao planejamento e execução das aulas e, em especial, na quebra do paradigma da mecanização do ensino da leitura e escrita.

A participação ativa na turma como estagiária, sob a supervisão de uma professora alfabetizadora e desenvolta em sala de aula, foi fundamental para a minha aprendizagem, trazendo compreensão, segurança e discernimento quanto ao processo que envolve a aprendizagem da leitura e escrita, pois me motivou a participar do processo e desconstruir a ideia que o estagiário é apenas um auxiliar.

No desenvolvimento da pesquisa, verificamos que o planejamento das aulas estava pautado de acordo com os documentos oficiais, como no caso a Base Nacional Comum Curricular (2017). Apesar da BNCC não deixar claro a importância do Letramento no processo de alfabetização. A atuação na sala do 1º ano do Ensino Fundamental no estágio não-obrigatório, enriqueceu todo o processo de aprendizado como futura educadora.

A partir das leituras e discussões realizadas em sala de aula, a disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental possibilitou outra perspectiva da atuação do professor alfabetizador na vivência do estágio não-obrigatório, ao contribuir para o desejo em conhecer o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia do qual participo, e refletir acerca da prática educativa nas turmas de alfabetização, exigindo maior conhecimento para a atuação profissional. É perceptível que a partir da experiência no estágio extracurricular, que a postura como futuro professor alfabetizador seja mais consistente, com a assimilação entre teorias e práticas vivenciadas, além das habilidades adquiridas no processo de aprendizagem.

Após as observações e análises em torno do estágio extracurricular é possível afirmar que o Projeto Pedagógico do Curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba Campus I, em que se baseia o seguinte estudo, teria que ofertar mais componentes curriculares que trabalham a prática alfabetizadora, que estejam voltadas para os futuros docentes que desejam atuar na Alfabetização, pois existe uma carência de prática nessa área específica de ensino, uma necessidade voltada para a prática educativa que só é possível com a ampliação de vivências mais participativas na realidade da sala de aula.

Acreditamos que essa pesquisa possa contribuir para um olhar mais direcionado para a formação de professores alfabetizadores na construção da

sua identidade docente, visando melhorar a oferta dos componentes curriculares do curso de licenciatura em Pedagogia da UFPB, de forma a repensar o currículo na formação de professores alfabetizadores, na ampliação da oferta da prática pedagógica nessa área de atuação, pois o contexto da sala de aula de Alfabetização, seja pelo espaço físico ou postura do(a) professor(a), reflete muito sobre a formação e a prática do(a) professor(a) como alfabetizador(a).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. São Paulo: Saraiva, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em: fev. de 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.274**, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts.29, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm> Acesso em: mar. de 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, Nº 8, p. 1-74, 11 jan. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm> Acesso em: mar. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 3/2005**. Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos de duração. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb003_05.pdf> Acesso em: mar. de 2020.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010**. Fixa diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental de 9 (nove) anos. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica – MEC/CNE/CEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf> Acesso em: jul. de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012** - Institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jul. 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/portaria_mec_826_alterada.pdf> Acesso em: dez. de 2021.

CRUZ, Magna Silva; ALBUQUERQUE, Eliana Borges. Alfabetização e letramento no 1º ciclo: o que as crianças aprendem sobre a escrita a cada ano. Artigo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, p. 1-210, jan./abr. 2011.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4. ed. tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e colejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1993. 102p. v.2

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos(as), para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Artigo. **Revista Poíesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CONSEPE/UFPB 64/2006**. Aprova o projeto político pedagógico do curso de pedagogia do Centro de Educação, Campus I. João Pessoa: UFPB/CONSEPE, 2006. Disponível em: <https://sigarq.ufpb.br/arquivos/2017141123ae8d4679089fd3f5184b0d/PPC_Pedagogia._Curruculo_2006.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Resolução CCP N° 003/2018**. Aprova Regulamento para o Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia, presencial, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2018. Disponível em: <https://sigarq.ufpb.br/arquivos/2018095167285c10754974813ebb104cf/RESOLUO_CCP_N_003-2018.REGULAMENTO_DE_ESTGIO_SUPERVISIONADO.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). Sistema integrado de gestão de atividades acadêmicas – Sigaa. **Plano de curso da disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental – Turma 02, 2019.2**.

Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/ensino/turma/busca_turma.jsf. Acesso em: abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). Sistema integrado de gestão de atividades acadêmicas – Sigaa. **Plano de curso da disciplina de Estágio Supervisionado III - Ensino Fundamental – Turma 02, 2019.2.** Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/ensino/turma/busca_turma.jsf. Acesso em: abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Resolução nº 20/2019. Regimento Interno da EEBAS**, publicada no Boletim de Serviço UFPB nº 56/2019. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/eebas/contents/documentos/RegimentoEEBASVersopublicada.pdf/view>>. Acesso em: abr. 2020.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação, a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

SANTOS, Thalita Silvania Nascimento dos. **Relatório de estágio supervisionado III**, Universidade Federal da Paraíba, SIGAA, 2020. Acesso em: abr. 2020.